

O ENSINO E A GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

FEITAS, Vanessa Cristiane de Santana
vanessa_geo@hotmail.com

SILVA, Ana Cláudia Santos da
asantos.ana@gmail.com.br

SANTOS, Rita de Cássia Amorim. (Orientador)
Graduada em Geografia, Pós-Graduação em Tecnologia Educacional, Professora do Curso de Geografia: Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes – UNIT
dicassiamorim@pop.com.br

RESUMO

Da antiguidade até hoje muitas foram às transformações sofridas no ensino e na geografia. Nesse contexto surge uma figura central, o aluno, e com ele as dificuldades de aprendizagem. Este estudo foi desenvolvido no Colégio Estadual Olavo Bilac, visando analisar o ensino da geografia através das dificuldades de aprendizagem dos alunos, em decorrência de dados obtidos dos professores, entendendo como os recursos metodológicos utilizados em sala para a transmissão do conhecimento refletem na assimilação e compreensão dos alunos. Observou-se que há muitas dificuldades no ensino da geografia, como a falta de interesse dos alunos e de recursos metodológicos. Conclui-se que, o estímulo do exercício da prática geográfica vislumbrará melhoria na qualidade o ensino da geografia.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Dificuldades de aprendizagem. Aluno. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, encontram-se vestígios da geografia, e com o decorrer da história foram apresentadas várias formulações, no intuito de ser estabelecido qual o objeto estudado pela geografia, e através destas, foram criadas várias tendências geográficas para serem seguidas. A formação do professor se deu de forma dual – licenciatura e bacharelado -, e esse dualismo permanece até os dias atuais, a sua valorização como docente também é uma questão que perpetua, ocasionando a luta do mestre em favor da sua valorização e do seu lugar como geógrafo. O ensino da geografia, em diversas partes do globo é vista de forma diferenciada, respectivamente ao grau de importância dado. Paralelo ao ensino se dá à aprendizagem, e esta pode ter ou não o seu objetivo alcançado, contudo é viável ressaltar a posição do docente quanto mediador desse processo, pois ele é representado como a figura central para que o ensino seja concretizado. Surge, nesse meio do processo ensino/aprendizagem e da relação professor/aluno. No ensino atual, nota-se uma preocupação com o discente não só com a assimilação, existe o surgimento de uma nova variável, que é a dificuldade que o aluno apresenta no ato de aprender, ou seja, os distúrbios que causam essa deficiência.

Esta pesquisa é de fundamental importância para a educação, pois alcançado os objetivos deste tema será viável um melhor tratamento dos educadores aos educandos no que diz respeito em facilitar o processo de ensino-aprendizagem bem como, se portar diante das dificuldades de aprendizagens que os alunos apresentam.

Baseado nesse contexto pretende-se investigar o seguinte problema de pesquisa: A dificuldade de aprendizagem é um elemento presente na reprovação dos alunos de 5º à 8º séries na disciplina de Geografia? Este estudo tem como objetivo avaliar como as dificuldades de

aprendizagem contribuem na reprovação dos alunos de 5ª a 8ª séries no Colégio Estadual Olavo Bilac elencando elementos que sustentam e balizam para elaboração de um diagnóstico. Para alcançar esse objetivo será verificado o livro didático adotado pela escola, saber se possui linguagem fácil e quem optou pelo mesmo, identificar como os recursos didáticos utilizados pelos professores interferem na aprendizagem obtendo resultados positivos, caracterizar as didáticas aplicadas pelos professores se estas contribuem para a assimilação do discente, verificar como os procedimentos metodológicos realizados pelos professores facilitam na aprendizagem do aluno.

A metodologia utilizada baseou-se na técnica de levantamento de dados, através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas aos professores de Geografia de 5ª a 8ª séries do Colégio Estadual Olavo Bilac, e observação sistemática, complementadas pela pesquisa de gabinete e documental. O colégio pertence à rede pública estadual oferecendo ensino fundamental, possui 42 docentes em seu quadro e, 1.117 discentes, distribuídos em três períodos, sendo que, no período noturno o colégio oferece o EJAEF – Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental, o qual a pesquisa não abrange.

2 A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL

Neste capítulo serão abordados os temas que fundamentam e embasam esse estudo, tais como a educação no Brasil, as relações dos profissionais de geografia e do professor/aluno e as dificuldades de aprendizagem.

O processo de transformação que ocorreu na educação do Brasil, desde o descobrimento até os dias atuais, mostra de forma clara a evolução do sistema de ensino. No período colonial, a educação no Brasil era jesuítica, promovida pelos padres da Companhia de Jesus que, praticaram o ensino público durante 200 anos. No período imperial, surge a escola pública e particular que preparava o aluno para o mercado de trabalho, sendo que o ensino não tinha o auxílio do Estado no que diz respeito a recursos financeiros. Com a queda do império, houve a disputa entre a Igreja e o Estado no que diz respeito às responsabilidades com a educação, vencendo esta disputa o Estado que a partir de então teve a obrigatoriedade pela educação da população, tornando a educação gratuita, mas com o mesmo objetivo, o do ensino para o mercado de trabalho, instituindo então as escolas técnicas.

Paralelo a este contexto histórico da educação houve o surgimento de várias tendências pedagógicas que acompanhando o contexto também evoluíram, as tendências eram de cunho liberal e progressista. As de cunho liberal eram as pedagogias tradicionais, renovada e tecnicista, já as de cunho progressista eram as pedagogias libertadora e crítico social, sendo que esta última permanece até os dias atuais. Todas elas tiveram participação ativa no contexto educacional no Brasil, cada uma delas atuou em um determinado momento, mas também tinha em comum alcançar o mesmo objetivo.

Não houve muitos acontecimentos importantes na história da educação do Brasil, como também, um documento que expressava o desejo que a população tinha em melhorar a qualidade da educação, que foi o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, este documento, proporcionou o começo rumo à criação de um plano nacional de educação. Antes da lei atual, de nº. 9.394, muitas foram às reformas e leis sofridas no ensino brasileiro, visto que:

De 1759, quando foram expulsos os jesuítas e realizadas as reformas pombalinas, a 1996, quando foi promulgada a atual lei de diretrizes e bases da educação, sem levar em consideração as de menor expressão, contamos nada menos que 21 reformas do ensino médio: uma no período colonial, nove durante o império (1838, 1841, 1855, 1862, 1870, 1876, 1878, 1881) e onze após a Proclamação da República (1890, 1901, 1911, 1915, 1925, 1931, 1942, 1961, 1971, 1982 e 1996) (PILLET, 2000, p. 21 apud SANTOS, 2005, p. 11).

A evolução histórica no Brasil é apresentada através de diversos contextos, nos quais resultam na atual educação existente. E nessa revolução houve várias tentativas de criar um plano de educação nacional, que depois de muitas tentativas foi elaborado, propiciando assim, a educação para todas as classes. Este plano é o Plano Nacional de Educação, mas afinal o que é Educação?

Segundo a lei de nº 9.394, criada em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 1º, diz que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Fundamentado nesta, se vê que a educação engloba vários critérios não somente o ensino em sala de aula, mas todo o contexto sócio-político e econômico que existe no país, e com isso, pode-se analisar o contexto histórico da geografia na educação do Brasil, baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que diz,

As primeiras tendências da Geografia no Brasil nasceram com a fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia, a partir da década de 40, a disciplina de Geografia passou a ser ensinada por professores licenciados, com forte influência da escola francesa de Vidal de La Blache. (PARÂMETROS, 2001, p. 103).

A geografia no Brasil estava então fundamentada na escola francesa com uma perspectiva tradicional sem discurso, com uma visão não politizada, preocupando-se exclusivamente na análise da produção do espaço geográfico estudando a relação do homem versus a natureza sem contemplar as relações sociais, ou seja, estuda a população, mas não a sociedade, as técnicas e os instrumentos de trabalho ignorando o processo de produção.

Os procedimentos didáticos na época valorizavam a memorização sem relacionar com a realidade.

De acordo com os PCN's, a partir da década de 60 a teoria moneísta surge com uma tendência crítica e tradicional onde valorizava as relações entre a sociedade e o trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico.

Desta forma a partir dos anos 80 abre-se um leque de propostas curriculares voltadas para o 2º segmento do ensino fundamental, no entanto, as propostas estavam desvinculadas da realidade social dos alunos, com a abordagem dos professores e dos livros didáticos totalmente tradicionais.

A produção acadêmica preocupa-se com o estudo da geografia através de experiências e trabalhos individuais constando que se faz necessário um encontro da geografia com outras ciências. As mudanças da geografia proposta no meio acadêmico sofrem impactos na realidade dos espaços escolares, pois resultou em produções variadas de propostas didáticas sem preparação adequada aos professores que estão no dia-a-dia nas salas de aula. Neste contexto aparecem dois problemas:

a) O professor descontextualizado sem preparação e conhecimentos adequados para enfrentar este desafio;

b) O aluno sem rumo dentro de uma visão tradicional, memorizando os conteúdos transmitidos pelos professores sem demonstração adequada de aprendizagem.

Ao aplicar no ensino a Tendência Pedagógica Tecnicista, o Brasil, faz com que resulte um período de degradação geral do sistema de ensino básico no país, no sistema público estadual e no sistema privado. Estes se encontram escravizados com a natureza do capitalismo, burocratizando as metodologias pedagógicas, não tendo a educação como um valor social. E através desta, encontra-se outro tema no qual a geografia está inserida, que é a sua crise, a crise da geografia. Com relação a esta crise, que não é somente da geografia, mas sim do país, é viável a colocação de Andrade (1993, p. 30), quando afirma que: “Em uma sociedade em crise é natural que a Geografia, como ciência social, também se encontre em crise. Crise que começa pela formação do geógrafo e pela conceituação do que é o geógrafo”.

A geografia anda sendo criticada pela atuação do geógrafo e as práticas de ensino nessa disciplina escolar. Essas críticas dirigem-se à dicotomia que se diz existir nas abordagens e análises realizadas pela geografia e apontam deficiências nas leituras, que ora privilegiam os aspectos humanos, ora os aspectos físicos. Paralelo a essas críticas encontra-se duas habilitações em geografia, à licenciatura que habilita para o magistério e o bacharelado, que habilita para o trabalho técnico profissional. A formação recebida no bacharelado permitiu o contato com os instrumentos técnicos, principalmente os utilizados pela área da Geografia Física, enquanto que a formação oferecida pela licenciatura fornece o conhecimento pedagógico.

As críticas que envolvem questões sobre os problemas encontrados com o processo de ensino/aprendizagem dessa disciplina e tanto os bacharéis quanto os licenciados não conseguiram responder. Mas é preciso expor para um melhor entendimento algumas definições, como, o

processo de ensino/aprendizagem e a relação entre professor-aluno, com relação ao primeiro temos o ensino que apresentado de uma forma geral por Mizukami (1986, p. 75), quando diz que: “Todo o ensino deverá apresentar formas diversas no decurso do desenvolvimento já que o "como" o aluno aprende depende da esquematização presente, no estágio atual, da forma de relacionamento atual com o meio”. Já, sobre a aprendizagem afirma que:

A aprendizagem verdadeira se dá no exercício operacional da inteligência. Só se realiza realmente quando o aluno elabora seu conhecimento. A aprendizagem, no sentido estrito, se refere às aquisições relacionadas com informações e se dá no decorrer do desenvolvimento. (MIZUKAMI, 1986, p. 76).

A deficiência sobre o conhecimento pedagógico e didático resulta nas inúmeras inadequações encontradas nas atividades em sala de aula, levando os alunos a decorar, sem a assimilação do conteúdo geográfico. Um dos fatores que levam os alunos a decorar, é a forma pela qual o material didático apresentado juntamente com a má utilização realizada pelo professor.

A maioria dos livros didáticos atuais traz em sua estrutura a fragmentação do conhecimento geográfico e este fator acrescentado de sua má utilização dificultando a ação do docente, por isso é necessário saber como a geografia está fundamentada no âmbito do país. De acordo com os PCN's a área de geografia fundamenta-se numa abordagem teórico-metodológica contemplando os avanços que ocorrem nesta disciplina, destacando a contribuição dada pelas correntes teóricas do pensamento geográfico, convencionado em Geografia Humanista e Geografia da Percepção, sem abandonar as contribuições dadas pela Geografia Tradicional e Geografia Crítica, que permitem que essas “novas geografias” sejam trabalhadas pelos professores, de forma a contextualizar as dimensões e representações do espaço geográfico.

Avaliando-se o objetivo da Geografia diante dos PCN's, a disputa existente entre o bacharel e o licenciado na formação em Geografia, e a dicotomia ainda existente nos dias atuais

ente a Geografia Humana e Física, entra-se num ciclo de reflexão no qual engendrando estas variáveis chega-se à conclusão de que a formação do Geógrafo seja bacharel ou licenciado passa pelo mesmo processo de obtenção do conhecimento, sendo que o bacharelado tem um período maior na área da pesquisa e que o objetivo de ambos continua sendo o mesmo.

O professor precisa passar pelo processo de transformação continuada ou permanente como um dos processos de valorização do Magistério. Assim de acordo com Imbernón (2001, p. 49): “A formação terá como base a formação dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc, realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho”. Isso supõe que a formação permanente deve estender-se ao terreno das capacidades, habilidades e atitudes e que os valores e concepções de cada professor e da equipe como um todo deve ser questionado permanentemente.

Imbernón nos faz refletir que o profissional de educação necessita ser crítico, ser leitor na sua área de atuação para poder absorver o conhecimento para a realização de uma prática coerente com a realidade atual. O profissional é construtor de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva.

Os professores devem estar preparados para a transformação que vão surgindo a cada dia e abertos a concepções capazes de adequar as suas atuações às necessidades dos alunos.

Ao falar de formação continuada e permanente temos que destacar também a formação inicial, lembrando as Instituições Acadêmicas que se precisam fazer revisões e atualizações permanentes dos que faz a formação acadêmica dos nossos professores. A formação do professor de qualquer modalidade de ensino tem que desenvolver e por em prática uma consciência crítica. Faz-se necessário, aprender continuamente dentro do coletivo, participando, analisando, realizando experiências, avaliando e propondo modificações.

Assim, aparece o Programa de Capacitação de Docente (PROCAD), que é um programa de formação continuada para professores que tem por objetivo capacitar os docentes na tentativa de melhorar as relações de professor-aluno, atualizando-o na prática pedagógica.

Os fatores já mencionados certificam o quanto que o licenciado em geografia é desfavorecido, em sua ciência, vista como um saber sem praticidade, em sua formação, por ser diferenciado do bacharel e com isso não poder aproveitar as oportunidades que aparecem em concursos, é que a geografia teoricamente apresenta um leque diversificado, mas na prática o docente sente-se impossibilitado de exercer esse papel, o seu papel, ainda tendo fatores externos como o livro didático à disponibilidade de recursos didáticos da escola, que interferem em sua metodologia, procedimentos e avaliação, piorando ainda mais essa problemática.

Contudo, houve uma grande explanação sobre o professor, enfatizando todo o seu contexto histórico, social, profissional e pessoal, mas se deve também dar um enfoque ao aluno. Quais os professores e alunos da disciplina de geografia almejassem existir? Antes de ser respondida esta pergunta deve estar clara, sem dúvida a grande importância que existe a instituição denominada escola para o aluno, ou seja,

A escola deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação motora, verbal e mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sócio-cultural e inovar a sociedade. Deve ser algo que possibilite o aluno ter um interesse intrínseco à sua própria ação. (MIZUKAMI, 1986, p. 73).

Entrando na questão do aluno, atualmente, esta sendo verificado uma nova variável com relação aprendizagem, ou melhor, a distúrbios na aprendizagem que a classe de discentes demonstra. Mas é preciso ter uma noção do que são essas dificuldades de aprendizagem, ou seja,

Dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita. Tais desordens são consideradas intrínsecas e extrínsecas. (NATIONAL JOINT COMMITTEE OF LEARNING DISABILITIS, 1988 apud FONSECA, 1995, p. 71).

Por apresentar esta visão, sem nenhum interesse em explorar as capacidades, habilidades e inteligências das crianças a escola por um lado perde essa inovação como um método mais proveitoso para uma avaliação de conhecimento e ao mesmo tempo interfere na aprendizagem do aluno. Em alguns casos, o professor não está devidamente habilitado para exercer a sua função como docente e conseqüentemente, não sendo um facilitador do conhecimento.

Por isso, este estudo, pretende realizar a pesquisa para avaliar se o índice de reprovação apresentado nas turmas de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Olavo Bilac está associado com as dificuldades de aprendizagem e se estes se apresentam de forma intrínseca ou extrínseca, para isso faz-se necessário uma avaliação e questionamento sobre o material e recurso didático utilizado pela escola e pelos professores, a questão da didática, das metodologias e dos procedimentos metodológicos, a fim de encontrar possíveis soluções para a resolução destes problemas.

3 O ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Nesta segunda etapa serão apresentados os dados colhidos para a elaboração desse estudo, consistindo na aplicação de questionário aos professores de geografia do Colégio Estadual Olavo Bilac, através das professoras Analice Caldas Ramos Vieira e Maria dos Prazeres Barbosa, que lecionam em todas as séries da referida instituição.

O Colégio Estadual Olavo Bilac está localizado a Rua Sargento Brasileiro, S/N – Santos Dumont, fundado em 1986, seu atual diretor é o Professo Luiz Fernando Freitas Góes, o colégio possui 15 salas de aula, biblioteca com sala de leitura, laboratório de informática e sala de vídeo – atualmente desativada.

Para a realização desse estudo foram aplicados questionários aos professores de geografia de ensinavam as turmas de 5^a a 8^a séries, enfocando todos os elementos propostos anteriormente, e assim tornar viável uma melhor compreensão dos fatos e construir argumentos plausíveis na elucidação do que se propõe nesse estudo. Os professores que participaram da pesquisa tem em média 19 anos de regência, todos possuem formação superior em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS e idade média de 44 anos.

3.1 O Livro Didático Adotado Na Escola

O livro didático adotado pela escola é da série GEOGRAFIA de autoria de Hélio Carlos Garcia e Tito Márcio Garavello Garcia, publicado pela editora Scipione de São Paulo em 2002, e os títulos das séries segue abaixo:

- 5^a série: GEOGRAFIA: Espaço geográfico e fenômenos naturais;

- 6ª série: GEOGRAFIA: A formação do espaço geográfico, as regiões do Brasil;
- 7ª série: GEOGRAFIA: O espaço geográfico da América, Oceania e regiões polares;
- 8ª série: GEOGRAFIA: O espaço geográfico da Europa, Ásia e África.

Os professores que fazem parte do universo desta pesquisa referem-se a linguagem do livro adotado como sendo, de fácil leitura e bom entendimento do aluno, conforme é demonstrado no gráfico 1, se o aluno consegue ler o material com desenvoltura facilita a explicação do professor e desperta o interesse do aluno, para isso o livro deve ser objetivo, claro e ‘vivo’ – possuir figuras, gravuras, mapas etc. -, com informações pertinentes ao conteúdo ministrado. No entanto, se o livro trazer informações visuais truncadas, sobrepostas, ou de difícil leitura, como por exemplo as legendas dos mapas, torna-se desinteressante para sua aprendizagem.

O livro foi adotado por outros professores, que não mais lecionam no colégio, os professores que responderam ao questionário não participaram da escolha, entretanto, acharam positiva.

As informações contidas no gráfico 2, demonstram que 50% dos professores mudariam o livro utilizado atualmente na escola, pois acredita que o aluno deve observar uma nova linguagem, mesmo apresentando uma boa linguagem o livro atual não seria adotado por esse mesmo perfil da categoria por entenderem que seus conteúdos são muito resumidos para algumas séries e não traz uma explicação para alguns termos técnicos aplicados a categoria. Os outros 50%, não apresentam interesse em modificar o livro, mas por um motivo que rege o nosso sistema educacional, o livro é válido por 3 anos a partir da sua adoção conforme indica o PNLD, o livro atual foi adquirido no ano de 2004 para o ano seguinte, portanto só poderá ser alterado no final de 2007.

O grande problema das aquisições de coleções fechadas é que alguns autores trabalham muito bem uma série e não desenvolvem tão bem em outra, por exemplo, ele poderá conceber um excelente livro para a 5ª série e ser terrível quando compuser o livro para a 8ª série, a identificação com a série e conteúdos que as norteiam por parte do autor torna-se imprescindível para que se obtenham obras prazerosas na leitura, compreensão, que instigue e fomenta o aluno ao aprendizado bem como auxilie no bom trabalho do professor.

3.2 Os Recursos Didáticos Utilizados Pelos Professores

Dentre os recursos didáticos o mais utilizado em sala são as dinâmicas, como observado no gráfico 3, pela praticidade e porque não requer disponibilizar recursos financeiros, principalmente pelas condições sócio-econômicas dos alunos. Entre os professores 50%, gostam de trabalhar com relaxamento para melhorar a atenção e concentração dos alunos, que podem ser realizadas no meio ou ao término da aula, e os outros 50%, preferem uma maior interação entre os alunos para isso desenvolve brincadeira que envolve o conteúdo programático, fazendo com que a assimilação aconteça de maneira lúcida.

Metodologias como trabalhos em grupo, grupos de estudo com apresentação e exposição dos trabalhos também são utilizados no cotidiano da sala de aula, assim como o laboratório de informática, citado na pesquisa, embora funcione de maneira precária, com poucos equipamentos, nem todos funcionando e somente alguns com acesso a internet, dificultando o trabalho com esse recurso devido a duas vertentes: a primeira, diz respeito ao agendamento para utilização da sala, nem sempre o horário e dias disponíveis são compatíveis com os horários das aulas e conteúdos, o que acaba minando a possibilidade de uso. A segunda, e a mais importante remeta para o tempo de aula, com a redução da carga horária na disciplina para apenas 2 (duas)

aulas semanais, fica inviável a realização de um bom trabalho, uma vez que os alunos devem ser alocados na sala de informática, se estabelecer, o que torna-se outro problema devido a falta de cadeiras para acomodação, e que o professor consiga explicar sobre o material a ser trabalhado, acabou o horário, explica um dos professores.

Os professores informaram que não utilizam o vídeo somente, porque a escola não tem sala apropriada e nem os aparelhos necessários (TV, vídeo, DVD), porém o maior problema da não utilização desse recurso dar-se pela falta de envolvimento por parte da direção no tocante a difundir informações, como a chegada de materiais – fitas de vídeo -, que atende aos conteúdos programáticos, esse material não é catalogado e fica ocioso, perdendo seu valor informativo.

As maquetes, embora não sejam trabalhadas pelos professores, é de fundamental importância para a geografia e para o melhor entendimento dos alunos em todas as séries, haja vista, sua utilidade em sala de aula na transmissão do conhecimento facilitando o aprendizado, pois está no âmbito da percepção óptica dos docentes.

Para excursão o único comentário foi que a escola não possui ônibus a disposição e os alunos não podem pagar a passagem, então esse recurso nem de longe há possibilidade de ser utilizado por eles.

Todos abordaram a importância que esses recursos despertam no aluno, pois estes não gostam da sala de aula pura e simples.

Embora a afirmação acima faça parte de uma realidade presente em todas as escolas, os recursos didáticos utilizados pelos professores apresentam resultados positivos na aprendizagem dos discentes, cabe ressaltar que alguns professores afirmaram que, na medida do possível se obtém esse resultado, pois hoje com tantos recursos tecnológicos acessíveis como a televisão através dos telejornais, o próprio computador com acesso ilimitável e já ao alcance de muitos através das “Lan House” e “Ciber Café”, *elas não tem paciência para ficar só no giz e*

apagador, diz uma das professoras pesquisadas. As abordagens feitas pelos alunos em sala são pertinentes a sua aprendizagem e ajuda a contextualizar os conteúdos ministrados em sala, levando muitas vezes a participação de todos na construção do conhecimento.

Dentre os recursos utilizados pelos professores em sala o que o aluno demonstra mais interesse, segundo os docentes são o trabalho com mapas que apesar das dificuldades em interpretar, eles apresentam grande interesse em desenhá-los. Outro recurso apontado foi a aula expositiva com a participação dos alunos, com exemplos citados por eles, e com aplicação de questionários para resolver em sala.

3.3 Os Procedimentos Metodológicos Utilizados Pelos Professores

Sobre os procedimentos metodológicos os professores trabalham de maneira distinta, 50% dos professores expressaram que as aulas expositivas com atividade em sala e desenhos no quadro para melhorar a explicação para todas as séries atende de maneira uniforme sem distinção. Para os demais foram divididos os procedimentos por série, conforme demonstrado abaixo, sendo utilizada em todas as séries aulas expositivas e uso do quadro:

- Para a 8ª série, é feita interpretação de textos, pesquisas em mapas englobando comparação de área territorial (regiões, micro-regiões etc.), desenvolvimento econômico e político, pesquisa em livros e internet além dos assuntos abordados em sala através de notícias e curiosidades que os alunos trazem;

- Para a 7ª série, o mapa das Américas pode ser trabalhado de forma individual ou dividir a sala em grupos para pesquisar e explicar o tema abordado, e é feito questionários quando a pesquisa não é realizada.

- Para a 5ª e 6ª séries as atividades são desenvolvidas no âmbito da percepção, por se tratar de assuntos mais próximos da óptica dos alunos assim poderá fazer demonstrações e observações reais, ou seja, que poderá ser vivida e sentida por eles como, por exemplo, a orientação pelo Sol, a transformação do espaço geográfico tomando como exemplo a rua ou bairro em que eles residem entre outros, além da pesquisa nos livros.

3.4 A Dificuldades Dos Alunos na Assimilação Dos Conteúdos

Na avaliação dos professores, as maiores dificuldades dos alunos na assimilação dos conteúdos engloba o contexto da geografia física, localização, espaço, os mapas, toda a parte cartográfica, escala, legendas leitura e interpretação de mapas, esse fato pode ser observado em todas as séries. Outra dificuldade apontada pelos docentes foi a interpretação de texto também em todas as séries, o que causa grande preocupação, se os estudantes não conseguem entender o que estão lendo como responder o que se pede? Acredita-se que, essa não é uma preocupação somente dos professores de geografia, mas de todas as disciplinas, uma vez que em todas há a necessidade de leitura e com esta a sua correta interpretação e entendimento.

Os docentes também descreveram as maiores dificuldades dos alunos por séries, conforme demonstrado a seguir:

- 5ª série: Orientação e coordenadas geográficas, eles confundem as direções, pois nem todos diferem esquerda e direita, assim quando vão identificar o leste e o oeste eles confundem, para as coordenadas geográficas o problema é parecido além da direção, o não conhecimento dos continentes é um elemento que proporciona um maior grau de dificuldade de assimilação desse conteúdo, uma vez que os mapas deixam de ser trabalhados nas séries anteriores e por conseguinte os continentes também não são trabalhados, parece inconcebível,

mas a grande maioria dos discentes não sabem se quer a localização do Brasil no planisfério, e muitos confundem o continente Africano por possuírem contornos semelhantes.

- 6ª série: Os nomes dos estados e capitais e as regiões brasileiras, os alunos dizem que esse conteúdo não em importância para eles bastando abastando somente conhecer a cidade em que residem. A grande disparidade existente no país torna esse aprendizado mais complexo.

- 7ª série: Toda a parte física das Américas e países Andinos e Platinos.

- 8ª série: a Ásia e em especial o Oriente Médio, que além da parte física a dicotomia de ser uma região tão rica em petróleo e ao mesmo tempo tão pobre.

3.5 As Dificuldades Dos Professores Nos Conteúdos

Para 50% dos professores a parte física é a maior dificuldade, a outra metade afirma não possuir nenhuma dificuldade em transmitir os conteúdos. Essa dificuldade será refletida na aprendizagem dos alunos como pode ser observado no item anterior. O fato de alguns professores afirmarem não possuir qualquer dificuldade está relacionada a qualificação profissional.

3.6 A Assimilação dos Alunos Na Observação dos Professores

Todos os afirmaram observar a assimilação dos conteúdos programáticos por parte dos alunos, através das atividades desempenhadas em sala, o envolvimento e participação dos alunos. As atividades de avaliação também são usadas na observação, que podem ser somativas ao teste ou simplesmente um estudo dirigido, argüição etc. Nenhum deles comentou utilizar o teste como diagnóstico, para avaliar se o aluno realmente assimilou os conteúdos, também não entraram no mérito da questão do que fazem para reverter o quadro quando os resultados obtidos não são satisfatórios. No entanto, alguns deixaram escapar que precisam ser mais flexíveis nas

correções e/ou no contexto geral no quadro de aprovação, pois é grande o desinteresse por parte do aluno em relação à disciplina, segundo eles.

Esse fato nos remete há uma reflexão nesse estudo, se mesmo com dificuldades ou com a falta do aprendizado os alunos são aprovados, que geração estamos formando?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados obtidos através dos questionários aplicados aos professores do Colégio Estadual Olavo Bilac demonstra claramente a importância desse estudo para a comunidade acadêmico-científica, confirmando mais uma vez a íntima relação existente entre professores e alunos.

Associando os dados obtidos à situação observada na escola, e nesse estudo específico, a educação e o ensino de geografia como forma de avaliar as dificuldades da aprendizagem como elemento presente na reprovação dos alunos de 5ª a 8ª séries, observa-se que apesar de existir, o índice de reprovação nessa disciplina é praticamente inexistente na escola supracitada.

Em decorrência, observa-se que os professores mergulhados num modelo defasado de educação e desmotivados, que continuam a reproduzi-lo, isso fazem com que a qualidade da educação oferecida aos alunos não exista. E mais, os professores tornam-se inertes diante dos problemas da escola e das dificuldades dos alunos.

Verifica-se nas abordagens realizadas, que os recursos metodológicos que não são utilizados dar-se pela falta de criatividade, despreparo e habilidades, há a necessidade de desprender-se dos padrões existentes e buscar novas possibilidades para trabalhar esses recursos, como os materiais recicláveis, e não ficar omissos a esse fato.

É evidente essa omissão por parte dos professores e também da própria direção da escola, haja vista, ser a atuação concernente ao processo de ensino/aprendizagem praticamente inexistente. Deve-se, portanto, assumir a responsabilidade pela educação, e prestá-la corretamente, observando todos os princípios e objetivos.

Recomenda-se, assim , a adoção de uma ação mais consciente, ética, bem como projetos que estimulem o exercício da prática geográfica, vislumbrando a melhoria da qualidade e principalmente o ensino da geografia.

Precisa-se fazer uma geografia viva, dinâmica, interativa, crítica e não decorá-la. Entender o processo de construção e reconstrução do mundo e não identificar países, estados, capitais, rios etc.

Precisa-se fazer com que os alunos despertarem para um raio de sol ou para um pingo d'água de chuva nos rostos e saírem do processo mecânico de repetir, repetir e repetir informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.

FONSECA, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época).

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

SANTOS, Ana Cláudia da Silva. **Educação popular em Aracaju: O papel da associação de moradores do Bairro Santo Antônio**. Aracaju, 2005. (VII Concurso de Monografia da Universidade Tiradentes).

APÊNDICE

Foto 1: Colégio Estadual Olavo Bilac



FOTO: Ana Cláudia

Fotos 2 e 3: Professora Maria dos Prazeres Barbosa em sala de aula e orientando aluno.



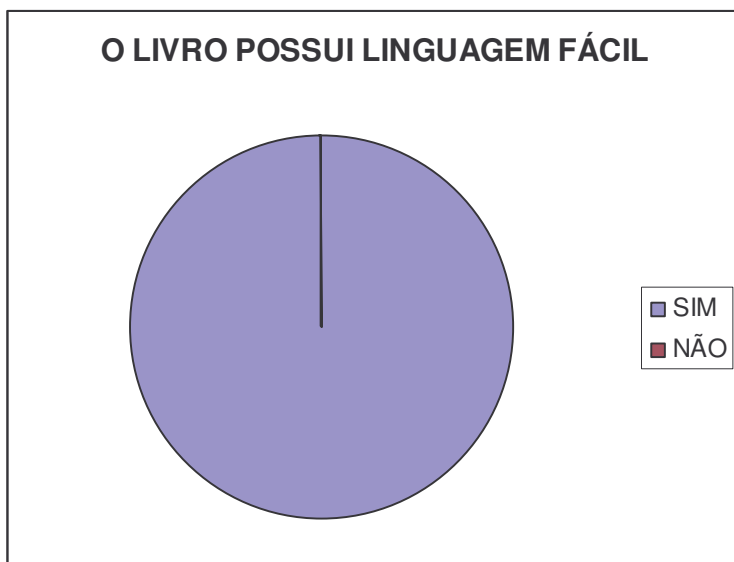
FOTO: Ana Cláudia

Fotos 4 e 5: Professora Analice durante a pesquisa em sua residência, e uma de suas turmas.



FOTO: Ana Cláudia

Gráfico 1



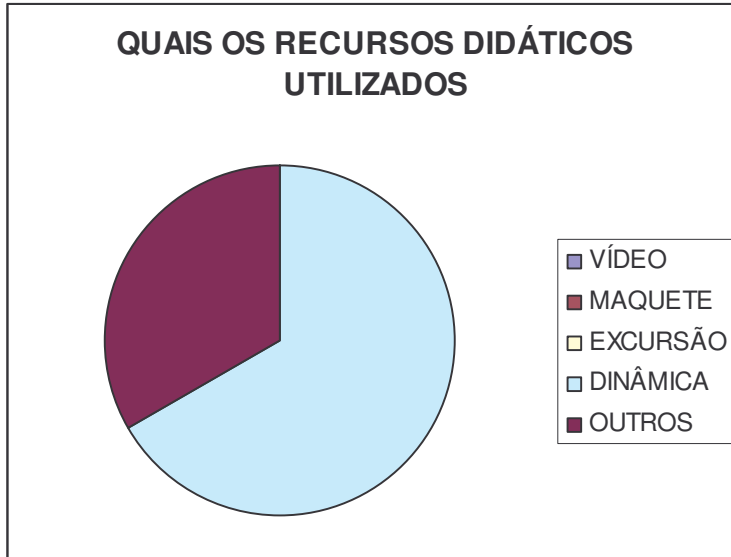
FONTE: Pesquisa de campo

Gráfico 2



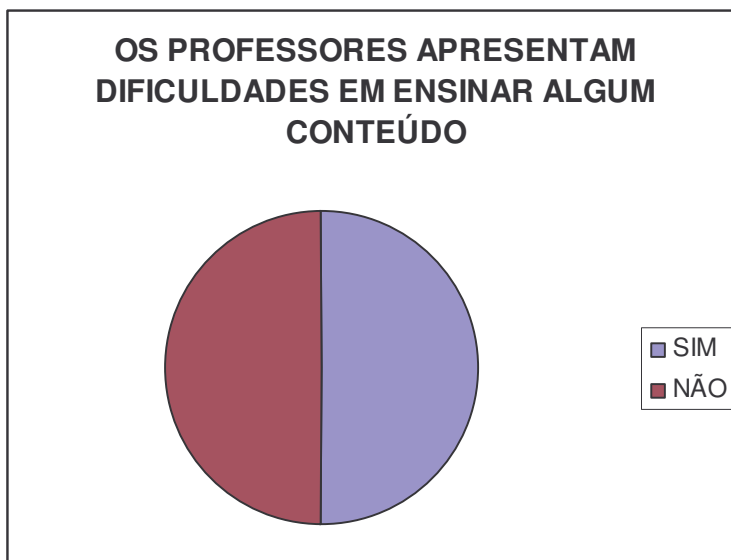
FONTE: Pesquisa de campo

Gráfico 3



FONTE: Pesquisa de campo

Gráfico 4



FONTE: Pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

Nome:

Idade:

Sexo:

Tempo de Regência:

Formação:

1. Qual livro didático utilizado pela escola?

2. Ele possui uma linguagem fácil para melhor entendimento do aluno?

Sim Não

3. Quem adotou o livro utilizado pela escola?

4. Você apresenta o interesse de modificar o livro didático atualmente utilizado?

Sim Não

Por quê?

5. Quais os recursos didáticos mais utilizados:

Vídeo Maquete Excursão Dinâmicas Outros

Quais? _____

6. A utilização dos recursos didáticos apresenta um resultado positivo?

7. Quais os recursos utilizados em sala de aula que o aluno demonstra mais interesse?

8. Quais os procedimentos metodológicos utilizados?

9. Qual o conteúdo que os alunos apresentam uma maior dificuldade na aprendizagem?

10. Há algum conteúdo que você apresenta uma maior dificuldade no ensino?

Sim Não

Qual? _____

11. Como você observa a assimilação dos conteúdos programáticos por parte dos alunos?